



A PATERNIDADE NA PERSPECTIVA DE UM PAI E SUA CRIANÇA, NO CONTEXTO DE SALVADOR (BAHIA). ESTUDO DE CASO

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos

*Professor do Programa Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea
luciavcm@oi.com.br*

OLIVEIRA, Teresa Cristina Ferreira

*Estudante do Mestrado do Programa em Família na Sociedade Contemporânea
teresacristinaadv@hotmail.com*

ENGELMANN, Franciele

*Estudante do Mestrado do Programa em Família na Sociedade Contemporânea
psifran@yahoo.com.br*

144

RESUMO

O presente estudo objetiva conhecer as concepções de um pai de classe média de Salvador (Ba) e de sua criança sobre a paternidade contemporânea e investigar como se dá o envolvimento entre eles. A investigação caracteriza-se por ser qualitativa, um estudo de caso. Participaram da pesquisa um pai (47 anos) e seu filho (nove anos) que foram acessados em escola particular. Foram feitas entrevistas gravadas com base em roteiros semi-estruturados. Os dados foram analisados de forma descritiva. Os procedimentos éticos foram respeitados. Os resultados evidenciam uma mudança na vivência da paternidade: no passado o pai impunha normas e oscilava entre as imagens do tirano e protetor, na atualidade é apresentado como benevolente ou rígido, dependendo da personalidade do pai. Foi manifestado envolvimento alto do pai nas categorias responsabilidade, acessibilidade ao filho e interação (particularmente em brincadeiras).

Palavras-chave: Pai, Paternidade, Envolvimento

ABSTRACT

This study aims to identify the concepts of a middle-class father of Salvador (BA) and her child on contemporary fatherhood and investigate how involvement between them. The research is characterized as qualitative, case study. Participated in the survey a father (47 years old) and his son (nine years) that were accessed in a private school. Recorded interviews were based on semi-structured scripts. Data were analyzed descriptively. Ethical procedures were followed. The results show a change in the experience of parenthood: the father in the past imposed standards and oscillated between the images and the tyrant guard, today is presented as benevolent or hard, depending on the personality of the father. High father involvement was manifested in Categories responsibility, accessibility and child interaction (especially in games).

Key words: Father, Fatherhood, Involvement



1. INTRODUÇÃO

A família participa de inúmeros dinamismos sociais. Em sua localização geográfica e temporal é perpassada por inúmeras mudanças e permanece como espaço significativo de formação humana. Neste contexto, as funções paterna e materna constituem-se indispensáveis para a internalização de valores, a construção da identidade individual e coletiva, o desenvolvimento das potencialidades humanas em suas diferentes dimensões.

No que tange à paternidade, constata-se que ainda são escassas as produções nesta área, especificamente no que diz respeito ao envolvimento. Bastos et al. (2013) destacam que o foco das investigações psicológicas acerca da paternidade tem sido a ausência do pai e sua consequência para a família e para o desenvolvimento da criança. Entretanto, estas não são suficientes para revelar quem são os pais brasileiros, “a história da paternidade brasileira ainda tem que ser escrita” (Ibdi., p. 03).

O presente estudo tem por objetivo conhecer as concepções de um pai de classe média de Salvador (Ba) e de sua criança sobre a paternidade contemporânea e investigar como se dá o envolvimento entre eles. Ele consiste em parte da pesquisa “Concepções de pais e suas crianças sobre a paternidade contemporânea”, desenvolvida na disciplina *Contextos Familiares: vínculos de identidade e pertencimento*, ministrada pelas professoras Lúcia Vaz de Campos Moreira e Elaine Pedreira Rabinovich, ofertada no Programa de Pós-Graduação Família na Sociedade Contemporânea da UCSAL – Universidade Católica do Salvador – no segundo semestre de 2013. Constitui-se em contributo para a quebra do silêncio acerca da paternidade, bem como amplia a compreensão acerca das instâncias nas quais se inscreve o envolvimento paterno.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A paternidade, a maternidade e a filiação apresentam uma composição relacional (PETRINI, 2010). No que tange à paternidade, Petrini (2010) sublinha que sua constituição é feita de qualidades relacionais, mais do que qualidades e traços individuais. Por isso, pode-se afirmar que o pai é um símbolo que tem significado somente num preciso contexto de relações



familiares. Onde este contexto é combatido ou desfeito, a função paterna e o símbolo do pai não têm lugar. Quando o simbolismo do pai perde valor e os pais ficam invisíveis, distantes ou ignorados, inevitavelmente as relações constitutivas, nas quais ele tem uma objetiva participação, sofrem alterações com consequências relevantes (Ibdi., p.19).

A relação pai-filho contém um aspecto dramático testemunhado e documentado ao longo das diferentes épocas da história, tal tonalidade deve-se às tensões originadas pela própria função educativa paterna que “consiste em retirar o filho da esfera da afetividade materna e introduzi-lo no mundo dos adultos. Este se caracteriza pelo trabalho, pela necessidade de respeitar as normas da convivência na sociedade, por sacrifícios para perseguir objetivos e renúncias para realizar projetos” (PETRINI, 2010, p. 17).

Shwalb, Shawald e Lamb (2013) elucidam que aspectos históricos e culturais ao longo das gerações, séculos e milênios afetam e continuam afetando o papel dos pais. Em análise dos capítulos do livro *Fathers in cultural context*, identificam que a paternidade vem sofrendo mudanças em todos os lugares do mundo com ritmos próprios pautados nos fatores de cada sociedade. Todavia, os autores ressaltam que as investigações acerca da paternidade ainda são inconsistentes em qualidade e quantidade, inexistindo na maioria dos países (Ibdi.).

Com base em Muzio, Bastos et al. (2013), ressaltam que três foram os enfoques teóricos mediante os quais se investigou a paternidade brasileira: o psicanalítico (1940-1960) enfatizando a relação exclusiva mãe-criança como fundamento para o desenvolvimento; a ausência do pai, sua autoridade e suporte material (1940-1960), associando esta a efeitos negativos, como ajustamento pobre, suicídio, delinquência e problemas na construção da identidade de gênero; ênfase nos atributos pessoais das múltiplas responsabilidades individuais pelos cuidados com a criança com a inclusão dos pais (décadas recentes), trazendo a reconstrução dos papéis parentais.

Lamb (2010) escreve que os estudos na área da psicologia social, do desenvolvimento e da personalidade decolaram no período pós-guerra. As primeiras incursões empíricas na investigação acerca do desenvolvimento infantil focalizavam a mãe como objeto de observação, informação e socialização. Nas situações envolvendo pais, estes eram representados pela percepção e vozes femininas ou a partir dos moldes de função familiar desenvolvidos por teóricos da família. No final da década de 70, conforme o autor, surgem nas



pesquisas científicas a preocupação com o “novo pai que cria e educa” (Ibdi., p.03), no desempenho de um papel ativo na vida dos filhos.

Em oposição às concepções anteriores, cujo foco centrava-se no desempenho unidimensional do papel paterno no sustento da família, discussões atuais ao voltarem-se para a temática do envolvimento reconhecem a multiplicidade de papéis desempenhados pelos pais, que segundo Lamb (2010), constituem-se em companheiros, prestadores de cuidados, cônjuges, protetores, modelos, guias morais, professores e chefes de família, cujo significado varia entre épocas históricas e grupos subculturais.

Com base em estudos realizados na área do desenvolvimento, Lamb (2010) sublinha ainda que pais e mães se envolvem em diferentes modalidades de interação com seus filhos, sendo que os primeiros tendem a ““especializar-se’ nas brincadeiras/divertimento, enquanto as mães se especializam em cuidados e nutrição” (p.04). Todavia, admoesta que tais resultados podem ser mal interpretados, articulando visões unidimensionais dos papéis paterno e materno, correndo o risco de não captar outras influências significativas no desenvolvimento infantil. Paternidade e maternidade sensíveis, presentificadas em ações como responder perguntas, falar com os filhos, guiá-los, ensinar e encorajá-los a aprender, favorecem aquisições socioemocionais, cognitivas e linguísticas dos filhos (Ibdi.).

Pais influenciam direta e indiretamente seus filhos, mediante comportamento, atitudes e mensagens que lhes transmitem (LAMB, 2010). O suporte econômico, apoio emocional à mãe quando envolvida no cuidado da criança, o envolvimento nas tarefas domésticas constitui-se em contributos para o desenvolvimento, à saúde física e emocional dos filhos (Ibdi.). Mais importante que as características individuais de cada pai, são aquelas que acompanham a relação pai-filho e o contexto familiar mais amplo, uma vez que influências paternas positivas têm mais probabilidade de acontecer quando a rede de relações que a ele se circunscreve – as estabelecidas com a companheira, ex-companheira, outros filhos – acontece em um contexto positivo (Ibdi.).

Para Palkovitz (1997) existem várias dimensões de envolvimento, requerendo-se ampliar os instrumentos de medida destes para uma melhor compreensão das relações intergeracionais, dos resultados da participação no cuidado infantil e dos efeitos que esta gera nos adultos envolvidos. Conforme o autor: “o envolvimento ideal acontece quando ambos, mãe e pai, avaliam seus pontos fortes e fracos, as necessidades do desenvolvimento da família, os



recursos e deficiências que eles individual e coletivamente trazem para a família” (p.02). Sublinha ainda: “Um investimento ético no cuidado e amparo da próxima geração se baseia no que é melhor para a criança e para o contexto da família como um todo dado o seu estado atual e da história que a levou ao ponto em que se encontra” (Ibdi.).

Diferente da topologia de envolvimento construída por Lamb, orientada pelos aspectos da interação (relação corpo a corpo entre pai-filho), disponibilidade (engajamento, sem envolvimento direto pai-filho) e responsabilidade (participação direta ou indireta para atender as diferentes necessidades da criança), Palkovitz (1997) constrói 15 grandes categorias, mediante as quais se podem identificar formas de envolvimento dos pais no cuidado dos seus filhos: (a) comunicar (ouvir, falar, demonstrar amor); (b) ensinar (modelar o papel, encorajar, mostrar interesse, participar de atividades); (c) monitorar (amigos e tarefas escolares); (d) processos cognitivos (preocupar, orar); (e) cuidar (alimentar, dar banho); (f) compartilhar interesses (ler junto); (g) estar disponível; (h) planejar (atividades, aniversários); (i) compartilhar atividades (comprar, brincar); (j) prover (alimentos, roupas); (k) dar afeto; (l) proteger; (m) dar suporte emocional (encorajar a criança), (n) manter e (o) acompanhar.

O envolvimento parental encerra os domínios de funcionamento cognitivo, afetivo e comportamental (PALKOVITZ, 1997). Embora o último seja o mais abordado pelas pesquisas, há interações contínuas entre eles ao longo da vida. O envolvimento paterno e materno pode acontecer em vários níveis, mediante múltiplos aspectos e papéis nos mais variados pontos do exercício da parentalidade. “Várias dimensões do envolvimento parental podem ser conceituadas como se existisse uma série de continunn, que vai desde o não envolvimento pelos níveis baixos e moderados à elevada participação” (Ibdi., p.10). O *tempo investido* (variação baixo-alto) é um exemplo de ocorrência de uma das dimensões do envolvimento ocorrendo contínua e simultaneamente. Todavia, Palkovitz (1997) reforça que o tempo dispendido em uma dada área de cuidado infantil pode ser alheio em outra. Acrescenta ainda: “as realidades subjetivas de envolvimento podem ser muito diferentes da forma abertamente observável” (p.10). Quando avaliamos o envolvimento parental, precisamos considerar estas noções.

Há de se considerar ainda que o envolvimento pode acontecer de forma proximal (incluem interação direta, comunicação face a face, atividades de partilha) ou distal (interação menos direta como a comunicação escrita e telefônica, o monitoramento e/ou pensar afetivamente na criança em sua ausência), bem como a existência de modalidades diretas e indireta que incidem



no desenvolvimento parental e infantil, como as horas extras trabalhadas em prol do provimento (aparentemente não constituem envolvimento direto, mas o são), e a ausência do pai por motivos de dependência química, ansioso à espera da visita familiar (envolvimento indireto). “Cada pai investe no que pode e no que ele acredita ser necessário no momento específico” (PALKOVITZ, 1997, p. 11).

O envolvimento parental é suscetível à mudanças. Significativo se faz ponderar as variáveis que podem influenciar sobre o mesmo ao longo dos tempos, no que tange ao contexto geral: participação em trabalho remunerado ou não, forças e fragilidades dos pais, prioridades e compromissos em curso; o contexto específico de envolvimento: situações em que a responsabilidade nos cuidados infantis é exclusiva e aquelas em que é compartilhada, formas de envolvimento adaptadas aos diferentes ambientes; diferenças individuais: o que é eficaz para uma criança pode não ser para outra, elaboração específica de significado e ênfase nos papéis por pais e mães, as avaliações subjetivas variam acerca do que é necessário, adequado ou melhor, em dada circunstância, assim como variam a sensibilidade e a capacidade de ler sinais interpessoais (PALKOVITZ, 1997).

3 MÉTODO

A presente investigação caracteriza-se por ser qualitativa, sendo um estudo de caso.

A pesquisa foi realizada na capital baiana Salvador, no segundo semestre de 2013. Participaram do estudo um pai (47 anos) e seu filho (nove anos), residentes em um bairro de classe média, estando a criança no 4.º ano do Ensino Fundamental I frequentado em instituição privada. O pai é casado, mora com a esposa, sua filha e filho, possui ensino superior completo, é contador com carga horária de trabalho superior a 40 horas semanais. A seleção dos participantes aconteceu mediante sorteio realizado pelas docentes responsáveis pela pesquisa¹.

Para a coleta de dados foram construídos dois roteiros de entrevista: um para o pai e outro para a criança. Perguntas abertas foram elaboradas a fim de investigar concepções acerca da paternidade (no que concerne às mudanças foram dirigidas questões ao pai). Para avaliar o

¹ No estudo maior foram entrevistados 30 pais e suas crianças que estavam matriculadas em uma escola particular de Salvador. Tais participantes foram sorteados, obtendo-se uma amostra aleatória. No presente artigo está sendo apresentado apenas um caso (um pai e sua criança).



envolvimento paterno, foram apresentadas no roteiro de entrevista para o pai perguntas cujas respostas contemplavam assinalar as frequências nenhuma, baixa, moderada e alta; no roteiro da criança, estas contemplavam as frequências nunca, poucas vezes, muitas vezes e sempre. As entrevistas foram agendadas por telefone e depois realizadas na residência dos participantes em dia e horário combinados. Antes da realização destas, apresentou-se e leu-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido correspondente a cada um dos participantes, colocando-se à disposição para esclarecimentos de dúvidas e solicitando que ambos os assinassem. A seguir, procedeu-se a realização das entrevistas que foram gravadas para que nenhuma informação se perdesse.

Houve transcrição das gravações das entrevistas e os dados foram analisados de forma qualitativa. Buscou-se apreender mediante falas dos participantes as concepções e mudanças acerca da paternidade, bem como aspectos relacionados ao envolvimento paterno.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar das inúmeras mudanças que atravessam a família, especificamente a partir da modernidade, esta permanece como espaço imprescindível de formação humana (PETRINI, 2003; CARVALHO, 2005). As funções paterna e materna, em caráter singular e complementar constituem-se neste contexto, mediações fundamentais para o desenvolvimento humano em suas diferentes dimensões.

A paternidade tem constituição relacional. “Um homem é pai em relação ao filho e à mãe, assim como uma mulher é mãe em relação ao filho e ao pai; por outro lado, o filho é tal pela relação com a mãe e o pai” (PETRINI, 2010, p. 19). No que tange ao desenvolvimento infantil, estudos revelam que mais importante que as características individuais dos pais são as relações que eles estabelecem com os filhos (LAMB, 2010; PETRINI, 2010). Com base nas categorias propostas por Lamb (1985) e Palkovitz (1997), evidenciadas nas falas do pai e da criança entrevistados em nossa pesquisa apresentaremos a seguir, elementos que contribuem para identificar as formas de envolvimento paterno, cujo tecido existencial é feito de relações. Antes, porém, exporemos noções concernentes à família, às concepções e mudanças na paternidade, colhidas no campo da referida investigação.



Optamos por agrupar os resultados em subdivisões, o que possibilita uma melhor organização quanto à apresentação, sem, contudo excluir a compreensão de interdependência entre os mesmos.

4.1 Família

A constituição da família dos entrevistados é nuclear. Diante da questão: “Com quem você reside?” O pai informa: “*Esposa, filha e filho*” e a criança: “*Mãe, pai, irmã*”. No que tange a quem faz parte da família, o pai responde: “*A família é grande, viu: pai, sogra, avó, tias, cunhados, irmãos, filhos, esposa, primos*”, em perspectiva semelhante está o relato do filho: “*Todo mundo da minha família*”.

Quando perguntado sobre quem é ‘todo mundo’, expressa: “*Tia, tio, mãe, irmão, avó, avô, bisavó, etc...*”. As respostas parecem apontar uma concepção mais ampla daquela de família nuclear, uma vez que incluem os vínculos geracionais e de parentesco. Assim, os participantes residem com a família nuclear, mas têm concepção de família extensa.

4.2 Concepções e mudanças na paternidade

O relato do pai revela que ser pai “É dar educação, é tentar da melhor maneira possível uma – faltou a palavra – um bom ambiente tanto de moradia quanto de estudo, é dar limites que é muito importante. Acho que mais ou menos resumido é isso aí”; o do filho: “Ter compromissos com a família e com todo o mundo que você conhece”. Transparece uma dimensão de cuidado traduzida no compromisso em proporcionar meios para o desenvolvimento do filho – na visão do pai – e em sentido mais amplo, para a família e para aqueles que se conhece – conforme a percepção da criança. Em perspectiva semelhante encontram-se as respostas para os deveres de um pai, que segundo o pai consistem em “Dar educação, dar moradia, dar – como é o nome? – cobrar os estudos, cobrar a educação e tudo isso. É dar e cobrar” e conforme o filho “Cuidar da família e também pagar as contas e dar brinquedos aos filhos”.

Quanto aos direitos do pai: “Cobrar tudo que for para conseguir colocar a criança no caminho correto”, foi afirmado pelo pai. O conteúdo parece se inscrever no horizonte da ética e



da moral, cabendo ao pai o papel de exigir do filho tudo o que for necessário para trilhar o caminho daquilo que considera ser correto. Quanto ao filho, este disse não saber quais são os direitos do pai.

Quando se fala em pai, a imagem que vem a mente do genitor é a do seu pai, cujas características foram apresentadas como referência para a pergunta Que características deveria ter um pai ideal? “Eu acho que as do meu, viu (riso) apesar que tem horas que ele... mas, ele é 100%”. Evidencia-se que a concepção de paternidade é atravessada pela experiência vivida, o que converge com a noção de paternidade articulada por Petrini (2010): sua constituição é relacional, ou seja, mais do que características individuais a paternidade é tecida na qualidade das relações estabelecidas no contexto familiar. A dimensão da experiência também aparece na resposta do filho relativa à questão “Quem é o seu pai?” Ao que responde o nome e sobrenome de seu pai, Como ele é? *“Ele usa óculos, tem uma barba e um bigode, tem cabelo preto e é gordinho”* e “Como você gostaria que ele fosse?”, *“Que não usasse óculos e magrinho”*.

No que concerne ao exercício da paternidade, o pai evidenciou que a desempenha *“Tentando dar limites aos dois e tentando, vamos botar assim, da melhor maneira possível fazer aquelas coisas que eu acabei de falar como dar uma educação boa, ter um lugar, uma moradia boa, uma vizinhança boa, tentar mostrar as coisas erradas, mostrar o que os outros estão errando lá na frente para eles não errarem”*. Conteúdo que reforça a dimensão do cuidado, que pode indiretamente ser associado ao papel do pai como provedor que se preocupa em instrumentalizar condições físicas, emocionais, educacionais e morais para o desenvolvimento infantil. A pergunta O que você acha que um pai faz?, cuja resposta da criança foi *“Trabalha muito”* embora aparentemente não ter relação com a feita ao pai, nos parece indiretamente se inscrever no mesmo horizonte, pois para um pai possibilitar as condições acima expostas, terá que laborar bastante. Cumpre citar que o pai se avalia como mediano no desempenho da paternidade.

É significativo destacar que conforme o pai, a paternidade instaurou mudanças em sua vida. Reproduzimos aqui na íntegra suas palavras:

“Menina, foi mudança demais, viu. Depois que me tornei pai, é aquelas coisas que antes você faz porque não tem muito o que perder, depois que nasce, que você sabe que tem pessoas que dependem de você, aí você começa a podar um pouquinho essas coisas, né. Eu era, sempre fui muito esquentado, eu gostava de fazer um peguinha, eu gostava de andar, corria



muito com o carro, eu não media muito as consequências, depois que G. nasceu mudou um pouquinho, né G.? (risos, olhando para a filha que ali estava e havia perguntado anteriormente se poderia ficar junto na entrevista do pai e do irmão). Então, mudou um pouquinho. Depois que os filhos nascem eu acho que você, a própria vida lhe faz mudar porque você vê que aquela pessoa ali depende de você. Antes não, antes você é filho. Então, você depende dos outros. A partir do momento que seu filho nasce, você sabe que aquela pessoa depende de você, então você não pode faltar. Então você começa a ter aquelas mudanças, que é uma mudança também automática, que não vem assim eu vou mudar, você mesmo vai mudando”.

A paternidade constituiu-se em transição para o entrevistado, de ora em diante já não era mais filho e sim pai, de dependente de alguém passou a ter pessoas dependentes dele próprio, cujos desenvolvimentos necessitavam de sua presença. Tal aspecto corrobora com a percepção de Lamb (2010), “a transição para a paternidade é uma experiência profunda para muitos dos novos pais (*fathers*) que provoca fascínio sobre as novas crianças e introspecção considerável sobre os novos papéis e responsabilidades associados, não somente em relação aos recém-nascidos, mas também em relação às suas parceiras e outros membros da família” (p.17).

No que diz respeito à paternidade ao longo do tempo (ou das gerações), o genitor informou sobre o pai na época do seu avô: “[...] era mais de impor a vontade dele e menos ouvir” e que na época do seu pai “Foi diminuindo um pouquinho, diminuindo um pouquinho”. Ao se referir ao pai na atualidade, sua fala foi mais ampla e complexa:

“Olha, aí agora você pegou uma peça muito assim... vai depender muito do pai. Tem alguns pais que são muito benevolentes e outros já são mais rígidos. Eu me acho mais rígido até um pouquinho do que, eu vejo várias pessoas e eu acho que o pai tem que ser um pouco rígido, por quê? Porque hoje a partir do momento que você não dá um limite para um filho, a polícia dá. Então a gente tá vendo hoje muito uma coisa que a gente não via a algum tempo atrás, pelo menos na época em que eu era criança, era o que? Filho matando pai, filho metido com droga, então você vê que eu acho que é falta de limite, porque se você dá um limite pra um filho dentro de casa, você mostra as coisas erradas, então ele tende a não entrar naquele meio. Ele ao invés de dizer olha eu vou – porque eu mesmo já cansei de fazer isso: ia fazer uma coisa que eu sabia que tava errada, eu não fazia porque sabia: ‘Se eu fazer isso vou ter represália dentro de casa’, e deixava de fazer. Então, eu acho que o pai hoje se tornou, vamos botar assim: tem muitos pais que eu vejo como colegas meus que são escravos dos filhos, que o filho chega bate o pé e ele vai



lá e faz que o filho quer. Então, eu não concordo com isso. Eu acho que você como pai tem que dar o limite: ‘Não, espera aí. Epa! Até aqui, você pode ir; daqui pra cá você não pode passar, não!’ Então, aqui eu tento fazer isso. Claro que L., ele realmente é mais insistente. G., não, G. já é mais de discutir o assunto: ‘Não meu pai, isso aqui não’. E eu digo: ‘Não vai fazer isso aí, não vai tirar essa garrafa daqui pra colocar aqui’; ‘Não meu pai, por que eu não vou tirar essa garrafa daqui pra aqui? E acaba a gente entrando num consenso. Eu não sou aquela pessoa que, como é o nome? Que isso aqui é vermelho, vê vermelho e vai ser vermelho, não. Se você conseguir me convencer de que isso é branco, vai se tornar branco. Agora não sou daquele pai que a criança faz ‘Isso aqui é branco’ e ele nem olha se é branco, é branco porque a criança falou, então. Aqui tem que se respeitar os mais velhos, né porque eu posso até depois eu dou razão, mas depois chamo, regulo. Então eu acho que hoje tem que ver a questão de pai por pai. Tem aqueles que são mais conservadores um pouco e aqueles que hoje são benevolentes demais. Então, a minha opinião é mais ou menos essa aí.’”

As respostas parecem evidenciar uma mudança na vivência da paternidade ao longo dos tempos: na época do avô transparece um perfil patriarcal, com centralidade da autoridade na figura paterna que impunha normas e oscilava entre as imagens do tirano e protetor (PETRINI; FILGUEIRAS, 2010), na época do pai já começam a acontecer alterações na vivência da paternidade, embora o entrevistado não fale das mesmas. O pai na atualidade é apresentado, no relato do entrevistado mediante duas possíveis posturas: benevolência e rigidez que vão depender da personalidade do pai. O pai do presente estudo considera-se mais rígido que benevolente, concepção esta associada à representação de limite, que conforme ele, quando não dado pelo pai é dado posteriormente, pela polícia. O limite contribui para mostrar o que é errado, como o envolvimento com drogas e homicídios de pais, que segundo a percepção do entrevistado, acontecem por falta de limites. Todavia, o entrevistado afirma não ter uma postura extrema de rigidez, e sim buscar equilíbrio entre as posturas de rigidez e diálogo relacional. Quanto aos motivos que propiciaram transformações ou permanências na paternidade, salientou:

“Eu acho que a própria globalização que vai trazendo outra visão, a televisão mesmo, é, a internet, então você vai mudando um pouco a cabeça. Que antigamente você só tinha, vamos botar assim: fonte de, era esqueci a palavra, era o que vinha de pai para filho. Era assim que ele agia, era assim que o filho continuaria agindo, o outro, e aí por diante. Hoje não,



com a mudança na informação, a maior quantidade de informação vai acabando, tende a mudar, a realmente mudar a situação, a colocação. Só que algumas sabem como mudar, outras vamos botar assim: dão um foco diferente, um foco errado pra o que estão querendo. Então, na minha opinião é isso aí”.

As palavras revelam que no passado o legado da vivência da paternidade acontecia pela relação pai-filho, hoje ela é intermediada pelos meios de comunicação e redes sociais. Acreditamos que a constatação de Porreca (2010) acerca da participação da televisão e internet juntamente com os pais na condução do processo educativos dos filhos, também encontram eco no contexto da vivência da paternidade, contribuindo para moldar valores, atitudes e posturas presentificados na personalidade do pai nos dias atuais. Verificamos que a paternidade, conforme vem sofrendo alterações em sua vivência ao longo dos tempos e das gerações, como já o apontaram Shwalb, Shawald e Lamb (2013), Bastos et al. (2013) e Lamb (2010).

4.3 Envolvimento Paterno

Em análise geral das 15 categorias propostas por Palkovitz (1997), verificamos com base nas respostas do pai, um elevado nível de envolvimento paterno no que se refere às categorias: Proteção (na totalidade de frequência alta); Comunicação; Ensinar; Pensamento; Interesses Compartilhados; Disponibilidade; Planejamento; Provimento; Afeto; Suporte Emocional; Monitoramento da Criança; Acompanhar a realização de Pequenas Tarefas. Embora a categoria Cuidados tenha apresentado as frequências nenhuma e baixa com maior concentração de respostas, estas se referem às atividades que o filho já consegue realizar sozinho; o item cuidar dele quando doente recebeu frequência alta, o que nos permite agrupar esta categoria como elevado nível de envolvimento paterno. Totalizam-se assim, 13 categorias, nas quais **conforme** relato do pai, aparece um envolvimento maior. A categoria Atividades Compartilhadas apresentou metade com maior intensidade de envolvimento paterno em algumas atividades e metade com menor intensidade em outras, de forma semelhante o foi a de Manutenção da Criança.



4.4 Responsabilidade, acessibilidade e interação

Em análise geral das categorias propostas por Lamb (1985) verificamos, com base nas respostas do pai, que embora manifestado envolvimento alto na categoria Responsabilidade, a mãe é apontada como responsável principal por estar mais próxima dos filhos e realizar atividades relacionadas à escola. Acessibilidade obteve concentração de frequência alta. Na categoria Interação, as modalidades Jogo e Transição evidenciaram concentração nas constantes alta e moderada; em Paralelo a ênfase foi dada à alta; e moderada foi a constante que mais apareceu em Funcional.

Acerca das responsabilidades e atividades que o pai faz, o filho declarou que:

1. Poucas vezes o seu pai: vai às reuniões da escola; leva ou busca da escola ou de outras atividades extracurriculares; brinca ou joga; leva para passear e para fazer outras atividades de lazer; compra com ele sua roupa ou calçado; é carinhoso; conversa quando o filho está preocupado ou triste; ajuda com as tarefas escolares, acha importante que faça atividades extraescolares; evidenciou também quando precisa poucas vezes pede orientação a seu pai.
2. Muitas vezes o seu pai: compra-lhe brinquedos, livros ou jogos; cuida-o e leva-o ao médico quando doente; elogia-o quando se comporta bem; preocupa-se com que ele tenha uma alimentação saudável; mostra interesse para que brinque, jogue ou converse com amigos e colegas; preocupa-se com sua higiene pessoal; mostra interesse pelo seu dia-a-dia; se importa com que cumpra o horário escolar e os seus compromissos; castiga-o quando se comporta mal.
3. Sempre o seu pai: decide sobre as atividades que pode fazer na escola; gosta que conheça e experimente coisas novas; preocupa-se que durma o suficiente e que deite na hora estabelecida; se interessa pelas notas escolares; preocupa-se em trabalhar e ganhar dinheiro para sustentar e pagar as despesas; decide o que pode ou não fazer; ensina coisas novas.

Com base nas respostas da criança, verificamos que as respostas dadas à consigna *poucas vezes* convergem com o que o pai falou no componente Responsabilidade: a mãe estar mais próxima dos filhos e acompanhá-los em atividades de caráter escolar. Já em *muitas vezes e sempre* a criança destacou atividades relacionadas às categorias Interação e Acessibilidade.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família é espaço privilegiado de formação humana. Constitui-se em recinto fundamental no qual se participa com a totalidade do ser e em cenário de manifestação das diferentes faces do drama humano. Enquanto categoria relacional estabelece conexões com múltiplas instâncias sociais, cujas trocas incidem significativamente na construção da identidade individual e coletiva, inscrevendo-se na ótica do não pronto e acabado, apontando para além de si mesma.

As inúmeras discussões realizadas nas últimas décadas sobre a crise da família, em decorrência da baixa taxa de fecundidade, aumento da expectativa de vida, declínio do casamento e banalização do divórcio, revelaram um não enfraquecimento da instituição família, antes o surgimento de novos modelos familiares construídos com base naqueles fenômenos sociais (PEIXOTO; CICHELLI, 2000). Dados do senso do IBGE de 2010 apresentam 64% dos casais com vínculo matrimonial, civil e/ou religioso, o que leva a questionar se em meio a um contexto de profundas e paradoxais mudanças, a família não permanece como espaço para experimentar o essencial das relações que se prolongam no tempo.

Em meio às novas configurações unipessoais, monoparentais, reconstituídas... estudos expressam que a família persiste como base da pessoa (MOREIRA ; LEAL, 2011), instância fundamental para o desenvolvimento e proteção de seus membros (CARVALHO, 2005), contributo para a reprodução biológica e social (PEIXOTO ; CHICCELI, 2000), ambiente onde se forjam novas solidariedades em prol da sobrevivência (DOWBOR, 2005) e nos últimos anos eleita como parceira da administração pública no enfrentamento de diferentes problemas sociais, os quais apesar, dos benefícios que trazem, revelam-se fragmentados e parciais por não se dirigirem às diferentes dimensões que compõem a totalidade da família (PETRINI; COUTO, 2013).

A função paterna no seu caráter singular e complementar à materna revela-se fundamental no desenvolvimento humano em suas diferentes dimensões. Neste âmbito, mais importante que traços individuais são as qualidades relacionais presentificadas na trama existencial pai-filho (PETRINI, 2010 ; LAMB, 2010) e o contexto familiar nas quais se inscrevem, já que “o pai é um símbolo que tem significado somente num preciso contexto de relações familiares” (PETRINI, 2010, p. 19) e “influências paternas positivas são mais



prováveis de ocorrer não só quando existem relações pai-filho de suporte/apoio, mas quando as relações dos pais (*fathers*) com suas parceiras, ex-parceiras, e provavelmente outros filhos, estabelece e mantém contextos familiares positivos” (LAMB, 2010, p.14).

Estudos revelam que a vivência da paternidade vem sofrendo mudanças nos diferentes lugares do globo terrestre com base no compasso próprio de cada cultura e sociedade (SHWALB; SHAWALD; E LAMB, 2013). Embora tenha havido alterações quanto aos enfoques investigativos, passando da relação mãe-filho, ausência do pai ao envolvimento paterno (MUZIO in BASTOS et al., 2013), as pesquisas sobre a paternidade ainda são incipientes e/ou inexistentes na maioria dos países (SHWALB, D., SHAWALD, B. E LAMB, 2013).

No Brasil as informações históricas sobre os pais ainda são escassas, há um silêncio acerca da vivência da paternidade (BASTOS et al., 2013). O estudo de caso apresentado no contexto deste trabalho constitui-se em espaço de emergência da voz do pai acerca de como percebe o envolvimento com seu filho, bem como deste em relação àquele. Uma das riquezas desta pesquisa confirma as intuições acerca da essência e vivência da paternidade: ela é feita de relações (PETRNI, 2010). É com base na experiência estabelecida com seu pai, que o pai por nós entrevistado falou de paternidade e é a partir do nascimento de seus filhos que se instaura uma natural e importante transição em sua vida: de filho ele torna-se pai, de ora em diante sua presença “*não pode faltar*” (relato).

É com base nas relações pautadas no parentesco e vínculos geracionais que tanto pai e filho ampliam o número de pessoas que fazem parte da família, que estruturalmente é nuclear. A concepção sobre paternidade do pai e filho inscreve-se no horizonte do cuidado traduzido no compromisso de instrumentalizar condições para o desenvolvimento dos diferentes aspectos da família: moradia, ensino, brinquedos, educação, educacional, limites.

Conforme estudos de Shwalb, Shawald, e Lamb (2013), Bastos et al. (2013) e Lamb (2010), já haviam demonstrado, identificamos que a paternidade sofreu mudanças ao longo das gerações da família dos entrevistados: da postura do pai patriarcal foram surgindo características mais relacionais, embora estas, com base na investigação por nós realizada, oscilem entre os papéis da rigidez e benevolência, oscilação esta que pode ser decorrente dos ensaios empreendidos frente às novas possibilidades de vivência dos papéis de ser pai. A



globalização, os meios de comunicação sociais e redes sociais corroboram para esta transformação.

Com referência nas 15 categorias propostas por Palkovitz (1997), verificamos que as formas de envolvimento: Proteção; Comunicação; Ensinar; Pensamento; Interesses Compartilhados; Cuidados; Disponibilidade; Planejamento; Provimento; Afeto; Suporte Emocional; Monitoramento da Criança; Acompanhar a realização de Pequenas Tarefas, concentraram um nível mais elevado do que Manutenção da Criança e Atividades Compartilhadas.

Com relação aos três componentes propostos por Lamb et al. (1985): Interação, Responsabilidade e Acessibilidade constatamos que o pai se sente responsável pelo filho, mas aponta a mãe como principal responsável por estar mais próxima no dia-a-dia da criança. O que parece ir em direção ao estudo de Castro, Carvalho e Moreira et al. (2012) realizado com 150 famílias em Salvador – BA acerca das concepções e distribuição das tarefas com cuidados diários das crianças que revelaram dentre outros achados, a predominância do modelo da mulher como cuidadora e do homem como provedor. Verificamos envolvimento alto na categoria Acessibilidade. Constatamos formas variadas de envolvimento na categoria Interação. As falas da criança também convergem com a identificação das formas de envolvimento que se configuram em nível mais elevado para Acessibilidade e Interação, e em escala menor no que tange às modalidades de Responsabilidade.

Este trabalho, conforme destacado anteriormente, permitiu-nos identificar que a paternidade vem se modificando. Necessário se faz considerar os diferentes aspectos que nela interferem: atributos pessoais, contexto familiar, qualidade das relações, e em âmbito mais amplo: os aspectos étnicos, culturais, educacionais e socioeconômicos. É significativo cuidar da família como um todo, uma vez que em seu seio se internalizam valores/atitudes e se gesta o futuro das novas gerações. Estudos futuros são necessários a fim de aprofundarem os dados obtidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIAGADA, I. *La diversidad y Desigualdad de las familias latino-americanas*. *Rev.latinoam.estud.fam*. Vol.1, enero-diciembre, 2009, p. 9-21.



BASTOS, A. C. S.; VOLKMER-PONTES, V. BRASILERIO, P. G. SERRA, H. M. Fathering in Brazil: a diverse and unknown reality. In: SHWALB, David W; SHWALB, Barbara J.; LAMB, Michael E. (Eds.). *Fathers in cultural contexto*. New York: Routledge, 2013.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CARVALHO, M. C.B. Famílias e políticas públicas. In: ACOSTA, A. R. e VITALE, M. A. F (Orgs.). *Família: redes, Laços e Políticas Públicas*. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

CASTRO, M, G; CARVALHO, A, M, A; MOREIRA, L., V., C. *Dinâmica familiar do cuidado: afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos*. Salvador: EDUFBA, 2012.

CAVALCANTI, V. R. S.; BARBOSA, C. F.; CALDEIRA, B. M. S. *Ética do cuidar e relações de Gênero? Práticas familiares e Representações da divisão do tempo*. Estud. Sociol, Araraquara, v. 17, n. 32, p. 189-204, 2012.

DOWBOR, L. A economia da família. In: ACOSTA, A. R. e VITALE, M. A. F (Orgs.). *Família: redes, Laços e Políticas Públicas*. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

DONATI, P. *Família no século XXI: abordagem relacional*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008. IBGE. Censo 2010. Brasília: IBGE, 2010.

LAMB, M. E. How do fathers influence children's development? Let me count the ways. In: LAMB, M. E. *The role of the father in child development*. 5 ed. New York: John Wiley & Sons, 2010.

LAMB, M. E., PLECK, J. H., CHARNOV, E. L., & LEVINE, J. A. *Paternal behavior in humans*. American Zoologist, 25, 883-894, 1985.

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MACHADO, J. N. *Conhecimento e Valor*. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

MOREIRA, L.V.C.; LEAL, T. C. M. A Família e seu Estudo na perspectiva de Professores e Formandos de um Curso de Licenciatura em Pedagogia. In: MOREIRA, L. V.C.; RABINOVICH, E.P. *Família e Parentalidade: Olhares da Psicologia e da História*. Curitiba: Juruá, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz, 2005, 244 p.

PALKOVITZ, R. Reconstructing "involvement": expanding conceptualizations of men's caring in contemporary families. In: Hawkins, A.; Dollahite, D. (Eds.). *Generative Fathering: Beyond Deficit Perspectives*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1997.



PEIXOTO, C.E.; SINGLY, F.; CICCHELLI, V. *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

PEIXOTO, C.E.; SINGLY. Sociologia e Antropologia da Vida Privada na Europa e no Brasil. Os paradoxos da mudança. In: PEIXOTO, C.E.; SINGLY, F.; CICCHELLI, V. *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

PETRINI, J. C. *Pós-Modernidade e Família: um itinerário de compreensão*. São Paulo: EDUSC, 2003.

PETRINI, J. C.; CAVALCANTI, V.R.S. *Família, Sociedade e Subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

PETRINI, G.; FILGUEIRAS, M.R. O Pai Patriarcal segundo Gilberto Freire. In: Moreira, L. V. C.; PETRINI, G.; BARBOSA, F. B. *O Pai na Sociedade Contemporânea*. São Paulo: EDUSC: 2010.

PETRINI, J. C. Introdução. In: Moreira, L. V. C.; PETRINI, G.; BARBOSA, F. B. *O Pai na Sociedade Contemporânea*. São Paulo: EDUSC: 2010.

PETRINI, J.C.; COUTO, M. *A Família como capital social e as políticas familiares*. UCSAL: 2013 – manuscrito.

PORRECA, W. A Família como lugar privilegiado para a socialização dos filhos: a contribuição paterna. In: Moreira, L. V. C.; PETRINI, G.; BARBOSA, F. B. *O Pai na Sociedade Contemporânea*. São Paulo: EDUSC: 2010.

SHWALB, D. W; SHWALB, B. J.; LAMB, Michael E. Final thoughts, comparisons and conclusions. In: SHWALB, David W; SHWALB, Barbara J.; LAMB, Michael E. (Eds.). *Fathers in cultural context*. New York: Routledge, 2013.

SINGLY, F. O nascimento do “Indivíduo Individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C.E.; SINGLY, F.; CICCHELLI, V. *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.